

Geografias das interações culturais no espaço urbano: o caso das territorializações das relações homoeróticas e/ou homoafetivas

Geographies of cultural interactions in the urban space: the case of territorialization of homoerotic and/or homo-affective relationships

Benhur Pinós da Costa

Universidade Federal de Santa Maria

pinos@portoweb.com.br

Resumo

A construção de uma condição homossexual baseado num desvio social negou às afetividades e aos desejos orientados para o mesmo sexo, a publicidade. O caráter desviante marca uma identidade que é negociada e representada nas subjetividades dos sujeitos e em situações de interação no cotidiano urbano. Estas situações ocorrem em momentos e espaços restritos e apropriados, constituindo territorializações urbanas baseadas, então, na coletivização, representação e expressão dos desejos e afetividades orientadas sexualmente para o mesmo sexo.

Palavras-chave: Homossexualidade. Homoerotismo. Território. Espaço urbano.

Abstract

The construction of a homosexual condition based on social deviance denies publicity to same-sex oriented affections and desires. The deviant character brands an identity that is negotiated and represented in the individuals' subjectivity and in interaction situations in daily urban life. These situations occur in restricted and appropriate times and spaces, and constitute urban territorializations, which are based on collective instances, as well on the representation and expression of desires and affections that are sexually oriented for the same sex.

Keywords: Homosexuality. Homoerotism. Territory. Urban space.



Geografias das interações culturais no espaço urbano: o caso das territorializações das relações homoeróticas e/ou homoafetivas

Introdução

Este texto retoma algumas discussões estabelecidas durante o desenvolvimento da dissertação de mestrado intitulada: “A condição homossexual e a emergência de territorializações”, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRGS. O texto é uma discussão teórica, mas baseou-se na etnografia estabelecida na cidade de Porto Alegre-RS, entre 1999 e 2002, que interpretou as relações localizadas de sujeitos orientados sexualmente para o mesmo sexo.

Sujeitos, interações, culturas e territorializações no espaço urbano contemporâneo

As cidades constituem-se num campo de investigação altamente complexo. A densidade populacional e o grau de complexidade informacional que permeiam seus sítios promovem o experimento das mais variáveis manifestações culturais. Embora a cidade seja o foco da cultura de massa, ela se apresenta como verdadeira manifestação da heterogeneidade humana. As culturas, ou seja, “as unidades vividas das experiências, que produzem determinadas estruturas de sentimentos” (JACKSON *apud* MACDOWELL, 1996, p.170), antes imersas na massa populacional e escondidas em padrões de classe social, emergem de seus esconderijos e são vividas, encenadas e sugeridas como possíveis alternativas à estética e ao comportamento padronizado. A diversidade cultural evidente na cidade contemporânea é fruto das lutas por reconhecimento social de diferentes sujeitos, que se sentiam incompatíveis com os padrões sociais estabelecidos (no trabalho e na desigualdade salarial; na incompatibilidade quanto a uma moralidade e um direito uniforme, pautado na inclusão de uns e exclusão de muitos; na necessidade de livre expressão de outros valores, comportamentos e estéticas, tidos como não adequados a uma pretensa sociedade sadia). Por outro lado, tal diversidade também é fruto de um capitalismo flexível que se baseia na manipulação simbólica de imagens para promover o consumo. A mercadoria está na cultura, como a cultura está na mercadoria. As pessoas não somente consomem algo, mas uma identidade com algo e, até mesmo, um modo de vida e uma forma de se expressar perante os outros.

Portanto, ao contrário de uma homogeneização, é marcada a diferença que aquece os mecanismos identificatórios em diferentes escalas. Primeiramente, as tradições e os valores culturais de um estado, região ou cidade são enfatizados por um trabalho de autoafirmação, de valorização das belas expressões

culturais do lugar e das riquezas de um povo. Em segundo lugar, pequenos agregados ou grupos sociais acessam o *self* cultural da mídia, misturam tais elementos com suas expressões locais (de bairro, de rua, do lazer noturno) e promovem culturas singulares materializadas em várias partes do sítio da cidade. A cidade, então, se fragmenta. No espaço urbano demarcam-se territórios e é promovida a diversidade.

A condição econômica é um elemento primordial na segregação dos indivíduos na cidade. A diferença de renda determina barreiras às relações e à livre circulação das pessoas na vida urbana. Porém, além de um determinante econômico, os sujeitos se diferenciam por questões referentes a estilos de vida, transgressões estéticas, concepções, relações afetivas variadas, expressões de sexualidade, enfim, a uma variabilidade de crenças, comportamentos e simbologias manifestadas nos grupos urbanos. Em suas trajetórias cotidianas e na formação de suas personalidades, os sujeitos experimentam diversas formas de relacionamentos grupais e estruturam suas preferências e identificações. Porém, *sabemos* que o trabalho, a escola, a família, a religião, ou seja, as instituições sociais tornam obrigatórias as representações das formas, já assinaladas como boa conduta. Os indivíduos assumem papéis sociais, preestabelecidos como condutas normais em diversas situações, enquadrando-se na estrutura das instituições. Assumir papéis sociais significa estar constantemente representando, tendo em vista sempre um cenário que indicará a atuação necessária (GOFFMAN, 1996). Muitas vezes, esses papéis sociais nem sempre expressam preferências, porque embarcam o ator no movimento das instituições, necessárias a sua sobrevivência na estrutura social. Os indivíduos mantêm uma identidade social e uma identidade pessoal: a primeira, estaria relacionada à manutenção correta dos papéis sociais (previstas nos comportamentos e condutas adequadas, como participante da estrutura social das instituições), a segunda, marca subjetivamente as experiências do indivíduo nos diversos grupos que transita e a construção do “eu”, capacitando-o a manipular representações e a controlar informações. Identidade social é construída quando a pessoa “se põe a ser” (a uma plateia) e a identidade pessoal é a consciência do verdadeiro ser construído por seu campo relacional, seu “eu”.

A identidade social identifica o indivíduo no quadro do domínio público, espacializando suas relações na estrutura das instituições de que faz parte (seja como profissional, estudante, pai, etc.), ou seja, nos cenários de suas representações. A identidade pessoal é instaurada mais subjetivamente, implicando

Geografias das interações culturais no espaço urbano: o caso das territorializações das relações homoeróticas e/ou homoafetivas

relações afetivas e prazeres (sexo, música, lazer, diversão,...), espacializando a caminhada do ser no devaneio, no gozo dos prazeres tidos como tais por sua experiência de vida.

Sendo assim, tanto as relações de cunho íntimo (dos prazeres, paixões, admirações...), como as relações inseridas nas instituições mais formais (família, empresa, escola, religião,...), tendem a interagir na construção da personalidade do sujeito. A qualidade do “eu” construído, nesta relação, é divulgado como um processo cotidiano de reconhecimento da autenticidade. No entanto, a expressão autêntica do “eu” pode gerar experiências perturbadoras ao sujeito, ou seja, a discriminação e a estigmatização em relação a algum atributo não aceito perante os grupos sociais a que pertencem, porque suas relações estão impregnadas de determinantes normativos que organizam as expressões individuais em sociedade. Isso gera a atração e a repulsão das pessoas em sociedade, segregando-as e fragmentando a cidade em grupos, agregados e categorias sociais. Estas categorias são identificadas entre polarizações de normalidade e desvio:

Assim, o lugar e a natureza do trabalho, o rendimento, as características sociais e étnicas, os costumes, hábitos, gostos, preferências e preconceitos constam-se entre os fatores mais significativos de acordo com os quais se processa a seleção e a distribuição da população urbana pelas diferentes zonas da cidade. Os diferentes elementos da população que habitam uma mesma localidade compacta tendem, deste modo, a afastar-se na medida em que suas necessidades e modos de vida se revelam incompatíveis ou antagônicos entre si. Do mesmo modo, pessoas de estatuto ou necessidades homogêneas dirigem-se para a mesma área. As diferentes zonas da cidade adquirem assim funções especiais. (WIRTH, 1997, p. 55).

Nesta fase, de frenética manipulação de sistemas simbólicos, padrões estéticos e culturais, que caracteriza o capitalismo da globalização, o indivíduo torna-se envolto por uma miscelânea cultural. As imagens da mídia e a estética no cotidiano (comportamentos, moda, imagens, culinária, cinema, artes plásticas, etc.) expressam elementos culturais tão diferentes, em tão curto espaço e tempo, que o indivíduo não estabelece um trabalho identificatório duradouro:

As culturas se acumulam umas sobre as outras, se empilham, sem princípios óbvios de organização. Existe cultura demais com que se lidar e para organizar através de sistemas coerentes de crenças, meios de orientação e conhecimento prático. (FEATHERSTONE, 1995, p. 21).

Nesse sentido, os sujeitos estão constantemente experimentando novas sensações, novas relações, novos padrões de convivência em grupo, novas formas de expressão, tornando as identificações pessoais muito fluidas. O novo capitalismo flexível desconstrói a ordem pela constante necessidade de mudança: novas mercadorias, novos consumidores, novas técnicas, novos projetos para a cidade, novas identidades, novas formas de aceitação do diferente, novas formas de entendimento sobre o normal e o anormal, sobre o correto e o desvio, sobre o feio e o bonito, sobre o bom e o mau. A moralidade rígida é quebrada por um capitalismo que manipula desejos. Os grupos tidos como desviantes, encontram brechas para emergirem, e os sujeitos experimentam novas sensações. As identificações se tornam muito fluidas, a manutenção dos sistemas simbólicos e os padrões estéticos se reconstróem constantemente, estimulados pelas imagens e por *flashes* estéticos da mídia. Neste contexto, as projeções espaciais destas relações também se tornam fluidas, sobrepostas, sem limites fixos e de caráter efêmero:

Vivemos num 'hiper-espaço', que transcende a capacidade dos indivíduos para se situarem, perceberem e organizarem os seus campos de proximidade e para mapearem cognitivamente a sua posição no mundo exterior. O espaço surge, assim, como elemento caótico das nossas representações e, ipso facto, é ele próprio irrepresentável. É no espaço e por meio dele que se procede às justaposições desordenadas e se forjam fronteiras paradoxais que tornam vulnerável a nossa identidade. (JAMESON *apud* FORTUNA, 1997, p. 130).

Tendo em vista essa intensa acumulação de culturas na cidade, caracterizando-se como uma passarela de expressões, os processos de discriminação e segregação entre diferentes, se aplicam a uma escala de separação muito grande pela micro demarcação do espaço de convivência. Muitas vezes, a fronteira (um campo tênue de misturas) entre uma expressão e outra é a marca da realidade e não a singularidade

Geografias das interações culturais no espaço urbano: o caso das territorializações das relações homoeróticas e/ou homoafetivas

diferencial. Esta característica fronteiriça que constrói as identificações, torna a alteridade banalizada. Fortuna (1997, p. 10) indica como característica do urbano a atitude *blasé*, como “um traço psíquico que remete à banalização das diferenças”. Na verdade, o estranhamento é anônimo, não divulgado, somente tornado indiferente e sem importância.

Sendo as convivências urbanas mediadas pela atitude *blasé*, a cidade torna-se libertadora às várias expressões culturais. Por outro lado, isso remete a certo cinismo, uma vez em que as convivências são banalizadas, mas sutilmente repudiadas. Na verdade ocorrem diversos níveis de repúdios individuais e grupais em relação a uma alteridade, desde as reações fóbicas violentas até a indiferença. A indiferença e o afastamento são gerados por uma incompreensão do outro, um sentimento de estranhamento (FORTUNA e SILVA, 2002). O estranhamento apresenta-se como uma fronteira entre o eu e o outro, uma fronteira que aproxima e que separa ao mesmo tempo. O resultado é a banalização e a indiferença daqueles que estão “próximo”, mas não “comigo” ou “conosco”. A fronteira é característica da territorialização. Territorialização é a segregação de identificações e reuniões de certos sujeitos, mas “nem tanto”. As segregações por estranhamento tornam as apropriações identitárias difusas em que estranhos estão sempre em contato, ora se aproximando, ora se afastando; ora participando, ora ele sendo incompatível ou a ele negada a participação.

Detectamos, assim, uma diferença entre o conceito de *território e territorialização*. Expresso o conceito de territorialização a partir de uma apropriação simbólica e identitária do espaço urbano, que delimita e estabelece diferenças de convivência a partir de fronteiras informais, não-institucionalizadas e que determina um pequeno espaço apropriado que pode ser facilmente transposto por estranhos. A transposição se determina somente pela presença do estranho dentro das fronteiras de convivência do grupo territorializado, mas não determina sua convivência direta em relação às práticas relacionais desse grupo. Nesse sentido, a exclusão do estranho é sugerida por um repúdio discreto (olhares de estranhamento) e pouca possibilidade de trocas de informação, em virtude do conflito o entre gostos e estilos, na tentativa de se operar a interação. O estranho procura conviver, mas é avaliado num tenso jogo que o faz interpretar o que se espera dele e o que ele objetiva ser reconhecido pelos outros. Caso não ocorra o reconhecimento dos outros (lembramos que estamos sempre falando de uma interação territorializada de um agregado social) sobre a individualidade do sujeito, ou caso o sujeito não consiga expressar o que se espera dele, a exclusão

ocorre. Tal exclusão não significa exatamente exclusão. Pode ocorrer sim um ato de ruptura radical das relações, sendo o sujeito expulso da interação, mas pode ocorrer uma marginalização que coloca o sujeito na periferia da interação, como numa tentativa constante de se estabelecer no centro.

A definição de território por uma apropriação simbólica centra-se na realização de intersubjetividades gerando espaços singulares de convivência. Observamos uma apropriação, na qual um grupo cultural se faz presente e, em tons de rarefeito a intenso, a visibilidade da agregação altera a paisagem. Enquanto o território é expressão do domínio administrativo, estabelecido por hierarquias econômicas e funcionalidades políticas, que transformam radicalmente o espaço por obras, padrões arquitetônicos e jurisdição disciplinar dos indivíduos; as territorializações identitárias permeiam essas estruturas econômicas, jurídicas e arquitetônicas, sendo apropriações territoriais que só podem ser definidas pelo caráter agregador da afetividade humana e pela expressão de seus prazeres. A produção material delas não é radical, é sutil. Não conseguem produzir materialidades, mas a radicalidade se dá pela estética presença marcante. As presenças dos grupos alteram a paisagem da fachada de prédios e monumentos. Os prédios já não existem mais. Existe a visibilidade incômoda (para muitos) da agregação informal e radical, quando rompe o estabelecido e o formal. O formal e o funcional são corrompidos pelo informal e pelo afetivo, pelo autêntico prazer de se comunicar, de se expressar. Mas na territorialização eles coexistem, pois a formalidade material, que é corrompida pelo desejo que se materializa em corpos e relações transgressores, é a área atrativa a própria transgressão. A transgressão só existe porque existe aquilo que deve ser transgredido, ou seja, a formalidade, a funcionalidade e o estabelecido. O conceito de territorialização sugere a diferença proposta por Haesbaert:

Dessa forma, o território deve ser visto na perspectiva não apenas de um domínio ou controle politicamente estruturado, mas também de apropriação que incorpora uma dimensão simbólica, identitária e, porque não dizer, afetiva. [...] O território envolve sempre, ao mesmo tempo, mas em diferentes graus de correspondência e intensidade, uma dimensão simbólica, cultural, através de uma identidade territorial atribuída pelos grupos sociais, como uma forma de controle simbólico sobre o espaço em que vivem (sendo

Geografias das interações culturais no espaço urbano: o caso das territorializações das relações homoeróticas e/ou homoafetivas

também, portanto, uma forma de apropriação), e uma dimensão mais concreta, de caráter político-disciplinar: a apropriação e ordenação do espaço como uma forma de domínio e disciplinarização dos indivíduos. (HAESBAERT, 1997, pp. 41 e 42).

Tanto territórios funcionais como as territorializações construídas pela apropriação identitária do espaço, em diferentes escalas, são definidos por seus construtores. As territorializações definidas por atividades de convivência afetiva e identitária são construídas por um conjunto de pessoas que se agregam em partes do espaço, em função de interesses relacionais específicos (gostos estéticos, por exemplo). Os atributos relacionais desses grupos determinam marcações no espaço de convivência. Essas marcas podem ser de uma complexidade enorme de atributos, estabelecendo-se desde as estéticas individuais e das decorações de ambientes, até os gestos mais imperceptíveis, que fazem parte do comportamento e das expressões comunicativas inseridas na cultura que liga os participantes de determinado agregado social. As marcações singulares fragmentam o espaço e estabelecem diferenças socioespaciais. Essas demarcações, por mais frágeis que sejam, por mais permeáveis que sejam seus limites, são expressas por territorializações. Nesse sentido, os passantes aglomeram-se nas ruas das cidades e elaboram uma mistura de estilos, mas a atração para o grupo identificatório será basicamente territorial. Embora essas territorializações sejam efêmeras, fluidas, sem limites rígidos, sendo fixas, sobrepostas ou alternantes, elas tomam forma constantemente no espaço urbano. Em tempos e localidades fluidos, elas são suporte das expressões culturais:

[...] a territorialização do espaço pela marcação deve ser considerada, numa visão ampla, que evidenciará a sua dimensão social: a identificação de um território está ligada a uma organização social que determina fronteiras, as quais estabelecem no espaço regras e os costumes culturais de um grupo. Não só o domínio psicológico, mas ainda as condições sociais nas quais o território é utilizado é que determinam o valor desse território. (REFFATTI, 2001, p. 29).

Reffatti (2001), além de demonstrar o conceito de território ligado ao estabelecimento de regras e

costumes de um grupo sociocultural e a valorização desses atributos em relação à base espacial que os abriga, também argumenta sobre o processo de diferenciação, visto pela autora como distâncias individuais, em relação à especificação dessas regras e desses costumes aos diferentes grupos territoriais. Em relação às marcas, a autora demonstra o território como espaço marcado pela personalidade do indivíduo. Podemos ampliar essa personificação em relação às marcas relacionais de um agregado social urbano, que determina sua identidade relacional, ou seja, sua personalidade; que estabelece a diferença em relação a outros agregados e interesses/necessidades relacionais.

Outro ponto básico que determina a apropriação espacial é a comunicação com o exterior. A variante territorial reproduz a diferença ou alteridade social em parte do espaço. As territorializações se produzem pela visualização das marcas projetadas pelo grupo social no espaço. Essas marcas evidenciam a singularidade social que delimita as práticas relacionais de determinada comunidade, grupo ou agregado social. A evidência das marcas espaciais determina as desigualdades de usos em partes do espaço, processando a territorialização pelos costumes, funções, propriedades, expressões plásticas, comportamentos, além da interação com subjetividades, desejos, gostos, expectativas e afetividades:

Quanto às formas de comunicação com o exterior, estas podem ocorrer não apenas no nível do comportamento, mas também através das ações correspondentes à materialização no espaço dessas relações abstratas e subjetivas. Estas assumem, ao mesmo tempo, um papel de interação, na medida em que unem os indivíduos em grupos que possuem motivações comuns; e de diferenciação, estabelecendo limites e expressando desigualdades através de comportamentos, formas de usar/transformar o espaço. (CAMPOS, 2000, p. 29).

Assim sendo, define-se territorialização como a apropriação de parte do espaço marcada pelas características relacionais de um agregado social (principalmente urbano). Esse determina tênues e permeáveis fronteiras de convivência, que, através da personificação desse grupo e manutenção de identidades, estabelece alteridade em relação a outros agregados socioespaciais (outras territorializações), que se afirmam por processo de autovalorização e

Geografias das interações culturais no espaço urbano: o caso das territorializações das relações homoeróticas e/ou homoafetivas

segregação espacial.

As pessoas que vivem nas cidades, principalmente nas grandes cidades, tendem a estabelecer grupos relacionais animados por interesses individuais comuns. Durante as “caminhadas” cotidianas, as pessoas registram inúmeros tipos de necessidades e interesses mantenedores de atividades relacionais, seja de consumo, financeiros, afetivos, entre outros. As “caminhadas” pela diversidade de trajetos e as “paradas” em vários pontos destes, são expressões espaciais. As “paradas” significam que o indivíduo se instalou naquela parte do espaço, constituído por materialidades (arquitetônicas), para satisfazer alguma necessidade de convívio. Nessa parada, ele irá se relacionar com um número determinado de pessoas, a partir de um fundamento. Esse conjunto de pessoas estabelecerá uma apropriação de parcela do espaço. Outras, que não possuem tal motivo para estarem ali, estarão lá, em outro lugar. Outras procuram se estabelecer, mas são “estranhos” e ficam à “margem” do “centro” identificatório da relação, sendo aqueles em que não se recorre muito à interação. Nesse sentido, temos a noção de território, que determina que no espaço um grupo, uma categoria ou um agregado social está presente, estabelecendo um domínio por suas características relacionais.

Então, os sujeitos em suas trajetórias urbanas, podem *montar* inúmeros territórios muito próximos, lado a lado, visíveis em uma escala muito grande. Muitas vezes, uma mesma parcela do espaço pode ser ocupada por diferentes agregados em diferentes horas do dia, podendo adquirir territorialidades diferentes no decorrer das 24 horas. Para Zilá Mesquita, a territorialidade é entendida *como projeção de nossa identidade sobre o território. Assim me sinto diante do território* (MESQUITA, 1995, p. 83). De certa forma, o agregado territorializado identificará seus participantes a partir de sua conjuntura, como, lembrando Goffman, um ator envolvido no cenário e na situação da peça:

Neste sentido, os espaços públicos das cidades aparecem como espaços privilegiados das práticas sociais, na medida em que assumem papéis diferentes e socialmente diversificados. As práticas espaciais operam, portanto, verdadeiros processos de “produção de territórios” dentro do espaço urbano que lhes serve de suporte (no sentido de constante transformação e criação de composições heterogêneas dentro do mesmo), dando-lhe um caráter diverso e dinâmico no espaço e no tempo contemporâneo. (CAMPOS, 2000, p. 32).

Nas grandes cidades, percebemos que grupos pequenos, ocupando certas porções do espaço, constroem singularidades territoriais, onde são expressos sistemas estéticos, comportamentais e simbólicos específicos, mas não tão enraizados territorialmente. Essas expressões são fluidas, efêmeras e não cessam em limites rígidos. Além disso, a variedade de papéis que o indivíduo representa e a mobilidade de suas identificações pessoais torna complexo o mapeamento de suas relações em grupos. Mesmo assim, as relações espacializadas segregam e fragmentam o espaço urbano, principalmente as de ordem afetiva.

Sennet (1998), quando escreve sobre as “geografias públicas”, indica um sistema de cenários onde o ator exerce suas representações. Essas geografias indicam as trajetórias dos homens (e das mulheres) públicos (as) exercendo seus papéis (no trabalho, nos negócios, na família, etc.). *Pensemos*, então, sobre as “geografias privadas”, essas que representam as trajetórias dos homens (e das mulheres) em seus movimentos intimistas, baseados em sentimentos muito subjetivos, muito próprios ao ser construído, em fuga do mundo das instituições, do trabalho, do consumo, à procura do amor, do sexo, da amizade, dos prazeres.

As geografias públicas são formadas por territórios mais duradouros, mais demarcados, pois constituem a empresa, os lugares de encontros entre famílias, as instituições públicas e privadas. Por outro lado, as geografias privadas são muito mais efêmeras, difusas, mal demarcadas, pois advêm do intimismo, de gostos e inspirações próprias do ser à procura de prazeres.

As duas geografias constroem territorialidades, mas podemos perceber algumas diferenças. As geografias públicas estão mais demarcadas, pois os grupos que a expressam estão mais inseridos na cultura do trabalho, da vida formal, regida pelas instituições. São geografias das representações, inseridas na normalidade, conforme as regras preestabelecidas pela sociedade maior, que espera a homogeneização de comportamentos e padrões. As geografias privadas expressam melhor a diferença, estão embutidas em sentimentos subjetivos, no culto aos prazeres, na fuga à padronização institucional. Elas abarcam as sensações típicas nas relações dos grupos afetivos, dos experimentos estéticos e comportamentais na revelação do “eu”. São efêmeras, pouco demarcadas e relacionam-se a tantos quantos são os impulsos estéticos, comportamentais e simbólicos que o ser absorve no mundo pós-moderno.

Os indivíduos mantêm e participam de campos relacionais. Estes campos são próprios do “eu”, portanto únicos. É no cruzamento de campos

Geografias das interações culturais no espaço urbano: o caso das territorializações das relações homoeróticas e/ou homoafetivas

relacionais que os territórios são construídos. As territorializações podem ser pontos, trajetos ou áreas, onde as relações se espacializam, tecendo a rede relacional do indivíduo. Assim, nelas, os indivíduos mantêm atividades relacionais que marcam o tempo, o espaço, o grupo, as formulações psíquicas e os interesses de convívio. Essas atividades singularizam os grupos relacionais e estabelecem uma determinada apropriação territorial:

A retomada de atenção sobre o território e a territorialidade vivida tem se referido, sobretudo aos pequenos territórios, os das comunidades e das coletividades locais, os territórios do cotidiano vivido, dos pais, território centrado, de fraca extensão, que constitui primeiro uma realidade relacional para a coletividade que o habita [...]. (F. AURIAC, R. FERRAS *apud* MESQUITA, 1995).

O território:

[...] a par de sua complexidade interna, define, ao mesmo tempo, um limite, uma alteridade: a diferença entre "nós" (o grupo, os membros da coletividade ou comunidade, os insiders) e os "outros" (os de fora, os estranhos, os outsiders). (SOUZA, p. 86, 1995).

Demonstram-se mais adequados, a fim de escapar das noções de rigidez, propriedade, demarcação e formalidade, remetendo, então, as ideias de fluidez, presença, informalidade, movimento e instabilidade, os conceitos de territorialização e territorialismo. O primeiro define processos de construção territorial, e o segundo explica a presença ténue do grupo, que mantém a intenção de ocupar parte do espaço e estabelecer (uma fraca) apropriação dele. Erguem-se, então, as "fronteiras do/no cotidiano". Elas são extremamente permeáveis em nossas trajetórias, mas dificultam nossas "paradas", porque estabelecem que o uso ou a participação do território dependerá do nosso interesse em compartilhar e expressar as características do grupo ali dominante.

Como podemos perceber territorializações a partir de nossas relações cotidianas

As territorializações expressam as dinâmicas de agregados sociais que se apropriam de parte de um

espaço urbano. Sendo espaços de convivência de um agregado social específico, elas se caracterizam pelas atividades relacionais e pelos comportamentos que os sujeitos apresentam. As características das territorializações se constroem pelos tipos estéticos e comportamentos que as pessoas estabelecem ao conviverem ali: a expressão da sexualidade, os tipos de vestimentas, o padrão estético do ambiente, o padrão social dos frequentadores, os tipos de convivência, tratamentos e posturas ao se relacionarem, as gírias e tipos de linguagens, as conversas e interesses pessoais, que definem buscas afetivas e relacionais específicas, entre outros. Essas territorializações intimistas, afetivas, amigáveis e, principalmente, informais, se constroem por identidades pessoais que procuram lugares onde desejos e interesses, não divulgados frequentemente, possam ser compartilhados. Nesse sentido, as práticas grupais inseridas na territorialização é que atrairão os interesses dos indivíduos, munidos de interesses relacionais. As práticas de convivência irão selecionar os participantes e, numa integração entre interesses dos indivíduos e práticas do grupo, o sujeito se confirmará como ou deixará de participar:

O processo de desenvolvimento da identidade de um lugar seria, para Relph, uma combinação de observação, ou seja, contato direto com o lugar, e de expectativas estabelecidas antes deste contato. (FERREIRA, 2000, p. 68).

Podemos observar que, no decorrer de uma vida, os sujeitos experimentam várias formas afetivas e relacionais e mantêm interesses diversos a partir das suas concepções pessoais e dos relacionamentos estabelecidos com novos amigos ou novos parceiros amorosos. Eles tendem a experimentar constantemente novas sensações a cada etapa de sua vida, inserindo-se em grupos relacionais espaciais de acordo com seus interesses afetivos a cada conformação relacional que estabelece. É nesse sentido que os sujeitos tendem a aumentar o seu conhecimento sobre a variedade espaço-relacional da cidade e podem escolher a necessidade afetivo-estética que têm interesses em vivenciar. No entanto, suas concepções intimistas, num dado momento existencial, definirão a atração e a repulsão a agregados relacionais espaciais. É nesse trabalho de atração e repulsão intimista que as territorializações nascem, pois os sujeitos definem interesses relacionais e repudiam outros, ocasionando fronteiras de convivência dentro do tecido urbano. Essas fronteiras são permeáveis, maleáveis e flexíveis. Elas esperam ser transpostas, mas, pela característica

Geografias das interações culturais no espaço urbano: o caso das territorializações das relações homoeróticas e/ou homoafetivas

relacional do grupo que abriga e estabelece suas metas, causam repulsões individuais.

O grupo atrai outros participantes ao espaço e define uma forma relacional territorializada, se segregando de outros que são estético e comportamentalmente desiguais. Serão o interesse pessoal, as concepções, os desejos e interesses íntimos do indivíduo que definirão a participação ou o repúdio. Os próprios sujeitos constituintes do agregado, cujos vínculos sociais são diversos, tenderão a divulgar a reunião a outras pessoas. Estas serão chamadas a conviver, mas para isso deverá ocorrer o interesse e a adequação às normas e comportamentos da territorialização. O interesse de participação é determinado pela bagagem relacional que o sujeito manteve no decorrer de sua vida, seu conjunto de experiências e concepções “de adequado” e “não adequado”, de bom e mau, de belo e feio, de certo e errado.

A cidade na atualidade, a chamada cidade pós-moderna (SALGUEIRO, 1998), é um emaranhado de micro - grupos relacionais que se comprimem no espaço urbano, definindo micro - partes relacionais do espaço, pequenas territorializações, que confundem seus limites de apropriação e, muitas vezes, se revezam em tempos diferentes ou se sobrepõem em partes do espaço. Os sujeitos diversificam, cada vez mais, seus desejos e necessidades relacionais. Cada vez mais, tendem a ampliar a gama de necessidades de sensações estéticas e comportamentais. Assim se estabelecem os vínculos em diferentes agregados sociais, diversificando os processos identificatórios em vários momentos, de acordo com as exigências do grupo no qual tendem a participar e da necessidade relacional que tendem a experimentar. É, nesse sentido, que as “linhas de fuga” não são mais linha, mas “redes de fugas”.

O conceito de rede define-se pela necessidade de circular e comunicar, estabelecendo linhas de fluxo e nós. As redes são emaranhados de conexões, definidos por linhas de fluxos das mais diferentes ordens e espécies. Essas linhas de fluxo tendem a transpor as mais diversas barreiras, sejam elas naturais, políticas ou econômicas. Os nós das redes constituem as conexões dos objetos, informações ou pessoas que os fluxos transportam. É nesse sentido que, conforme Haesbaert (1995) argumenta, o nó é o elemento mais territorializado da rede. As linhas de fluxo tendem a transportar, mover, desterritorializar o nó, ou seja, tendem a conformar territorialmente as decisões e os interesses que transportam as linhas das redes. Elas podem ter diferentes escalas. As redes geralmente são estudadas, hoje, pelas conexões mundiais das grandes empresas multinacionais, que tendem a mundializar

sua produção e estabelecer nós de influência em diferentes e distantes localidades do mundo. No entanto, a rede pode ser entendida em diferentes formas, como a noção de rede hidrográfica e de coordenadas geográficas, assim como redes do cotidiano, ou seja, as trajetórias que as pessoas seguem no seu dia a dia, estabelecendo linhas de movimento e ambiente de parada, as linhas e os nós.

Podemos entender linhas de fuga a partir da noção de rede e, a partir daí, entender territorialização. Os sujeitos estabelecem vínculos com diferentes agregados de convivência, movidos pela necessidade relacional ampla e diversificada que eles tendem a manter na atualidade. Esses agregados todos estão visualizados mentalmente na consciência, eles existem concretamente e são definidos justamente por sua característica territorial no tecido urbano, ou seja, estão localizados. A conexão entre estas diferentes realidades sociais se dará a partir das redes relacionais que os indivíduos tendem a manter na sua consciência, ou seja, em suas atitudes identificatórias pessoais, que tendem a ser cada vez mais efêmeras. A territorialização urbana se construirá pela sobreposição de nós de conexão de redes pessoais, que definirá a chegada de diferentes linhas identificatórias pessoais. A sobreposição de nós de diferenciadas redes pessoais não torna a espacialidade difusa, na verdade, o nó é sempre estabelecido pelas possibilidades e realizações que a localidade proporcionará. É nesse sentido que as definições da localidade atrairão uma série de redes pessoais identificatórias e definirá a territorialização, pela convergência ampliada de interesses relacionais que a própria localidade já sugeria, seja por um ato empresarial, por possibilidades ambientais, pelos atrativos estéticos e comportamentais, pela facilidade de acesso ou, até mesmo, pela dificuldade desse. A conformação de nós, ou pontos de parada, solidifica a territorialização e estabelece o agregado relacional.

Nesse sentido, observamos a territorialização como pontos de convergência, ou seja, nós de uma diversidade de fluxos de interesses e necessidades identificatórias afetivas, relacionais ou estéticas. São nas territorializações pós-modernas que se estabelecem fugas da vida do trabalho, da escola, das obrigações, da moral e das atividades institucionais, definindo-se como localidades de busca de prazeres, de sensações e de extravasamento das emoções. No entanto, as próprias territorializações estabelecem o atrativo relacional. Cabe a cada linha de fluxo individual acertar seus nós para evidenciar as possibilidades relacionais que se conformarão a cada um deles, estabelecendo, assim um mapa mental que definirá a diversidade relacional na cidade.

Observando as territorializações homo afetivas em

Geografias das interações culturais no espaço urbano: o caso das territorializações das relações homoeróticas e/ou homoafetivas

Porto Alegre-RS, podemos defini-las pela diversidade estética e relacional que elas comportam: diferenciações se estabelecem pelo nível de camuflagem da identidade sexual, assim como pela possibilidade de evidenciá-la, protegê-la ou divulgá-la; também se definem por seleções grupais quanto à possibilidade do sujeito de expressar bom nível social, por posturas e estéticas vinculadas ou desvinculadas dos padrões de gênero, ou por elementos mais perceptíveis, como música, decoração, ambiência, localização e tipo de conexão com outras territorializações gays.

Outro fato que se evidencia é a transição de gays entre diferentes territorializações, evidenciando as conexões que se fazem entre elas. Esses sujeitos definem na consciência um mapa de atividades relacionais ligadas às relações homoeróticas, mas que se diferenciam espacialmente devido às diversidades estéticas e comportamentais que diferentes territorializações comportam. Esses mapas mentais constituem verdadeiras redes que levarão a pessoa a cada ponto de conexão, onde se imbricam um conjunto de interesses e sensações compartilhados por cada indivíduo participante. Na verdade, existem pessoas que se definirão mais ou menos pela participação em uma territorialização, sempre em um curto período de tempo, mas isso não impede que tais sujeitos compartilhem experiências em outras territorializações pouco frequentadas por eles.

Territorializações, ações de agregados sociais

A territorialização se conforma por um conjunto de ações em um agregado social. A ação conduz a apropriação (micro) espacial definindo uma singularidade relacional. Milton Santos identifica ação como “a corrente de intervenções casuais reais e ou observadas de seres corpóreos num processo contínuo de acontecimentos do mundo”, assim como argumenta que “ação é um conjunto de atos, como um processo formado de subprocessos, atos consecutivos”. Além disso, Santos define ação a partir de propósitos e intenções, as quais “são centrais nas práticas diárias, enquanto propósito supõe ambições ou projetos de longo prazo” (SANTOS, 1997, p. 64).

A partir disso, podemos compreender a formação de territorializações. Como agregados relacionais espaciais, elas são conformadas por materialidades, ou seja, partes do espaço, e subjetividades, isto é, as ações dos sujeitos sociais que promovem a territorialização: o conjunto de indivíduos que se relacionam e promovem processos de identificação com o espaço,

segregando-se e sendo segregados em relação a outros sujeitos, estabelecendo, assim, fronteiras de convivência.

As territorializações urbanas são constituídas por sensações estéticas e comportamentais, de cunho afetivo e sexual. São formadas por um conjunto de ações, ou seja, o conjunto das chamadas “linhas de fuga” ou “derivas” (PERLONGHER, 1987, p. 155), que definem os processos identificatórios pessoais ou a procura de relações afetivas, estéticas e comportamentais, os quais fazem parte dos desejos e prioridades emocionais vinculados às identificações pessoais. A deriva é uma ação. Ela pode não ter uma atenção identificatória específica, mas se apresenta pela complexidade subjetiva do sujeito a procura de sexo, por exemplo.

A deriva, em Perlongher (1987), é a deriva do sujeito e, como a própria palavra diz, não tem rumo certo. Mesmo sem rumo ela se faz em marcos espaciais já conhecidos, por onde já circulam, provavelmente, outros sujeitos a que se deseja relacionar (como a deriva de homens a procura de outros homens para as relações sexuais, por exemplo). A deriva se estabelece num circuito homoerótico na cidade, por exemplo. Assim, ela já se encaixa numa territorialização destas práticas, que se produz em outra escala (a escala do circuito que é menor que a da territorialização pontual, no qual se tecem relações mais densas). As derivas em circuitos são tecidas por sujeitos locais, que o conhecem na vivência do cotidiano. Outros sujeitos que não conhecem a cidade podem “derivar” sem rumo mesmo, mas logo aprenderão os macetes espaciais.

Observamos, então, a atuação de sujeitos que começam a se apropriar do espaço a partir de ações com objetivos relacionais. Assim, as territorializações são construídas por sujeitos sociais que expressam ações objetivadas, ou seja, a apropriação espacial devido a uma intenção relacional. A intenção relacional é determinada pela sexualidade, busca afetiva, estética e comportamental, vinculadas a processos identificatórios pessoais que irão dar conformação a uma identidade coletiva, ou seja, um conjunto de sujeitos que se agregam por se identificarem por algum ponto, ou vários, que os une.

Observamos que muitas territorializações se definem por intenções, ou seja, intenções cotidianas de atores que se reúnem por processos identificatórios. Nesse sentido, o ato de se territorializar é orgânico, no qual as intencionalidades de sujeitos confluem e se apropriam do espaço. A localização da territorialização é um processo de estudo “regional” (na verdade a região da cidade que dá o contexto da territorialização), que define acesso, pontos atrativos,

Geografias das interações culturais no espaço urbano: o caso das territorializações das relações homoeróticas e/ou homoafetivas

especificidades de consumo, instituições culturais e de diversão.

Outras territorializações se constroem por um propósito, ou seja, um agente ou a relação de agentes promove a construção de territorializações, que atraem um público específico ao espaço. O agente empreendedor explora algum processo identificatório do público alvo que quer atingir, e isso levará à reunião e à definição de uma territorialização, por um processo de interesse relacional, estético e comportamental. Por isso, ocorre uma integração entre a promoção do agente empreendedor e o grupo que começa a utilizar o ambiente para fins identificatórios e relacionais. As transformações ocorridas no grupo participante poderão modificar também o propósito inicial do empreendedor ou aprimorá-lo.

A observação de territorializações deve levar em conta as ações dos sujeitos que promovem a atividade relacional e seu processo de apropriação e segregação espacial, assim como a própria materialidade da territorialização, como a localização, além dos agentes empreendedores, do ambiente estético e da ação da mídia (que tenta atrair um certo público). Por outro lado, *temos* que procurar entender a efemeridade relacional que conduz a efemeridade da apropriação espacial. A efemeridade é conduzida pela qualidade fragmentária da identidade pessoal. Os sujeitos quando se identificam com algo, se identificam somente com algumas das qualidades identificatórias existentes em seu “eu”. Além disso, dependem que os outros sujeitos mobilizem qualidades identificatórias concordantes no ato da relação. Por outro lado, “estar em territorialização” compreende uma escolha de estar “ali” (“aqui” e “agora”) entre outras possíveis, constituintes da diversidade de possibilidades de experimento que se “mostram” aos sujeitos curiosos e sedentos por sensações. A cidade abre-se num campo relacional vasto e instável, conduzindo a efemeridade das relações e das localidades apropriadas por elas.

Identidade espacial: necessidade de se territorializar

O pressuposto primeiro, de toda a territorialização, é a formação de uma identidade espacial. Primeiramente, os sujeitos procuram estar confortáveis e protegidos no espaço que convivem. Esse conforto e proteção são mantidos pelo aspecto relacional que esse conjunto de pessoas estabelece no espaço. Dessa forma, a união do agregado territorial é estabelecida primeiramente por um interesse individual, de busca (deriva) de uma localidade relacional. Num segundo momento, o agregado condiciona a participação de

seus elementos, selecionando e impondo regras de comportamento a cada um.

Identidade é um conceito, em princípio, individual, mas também relacional. Devido a suas histórias de vida, seus aprendizados e a qualidade dos grupos a que pertence e pertenceu, o sujeito se identifica com determinadas coisas e determinados outros sujeitos. A identificação é baseada no encontro. Esse encontro é tipicamente territorial, pois identidade “implica uma relação de semelhança ou de igualdade” (HAESBAERT, 1999, p. 173).

Além disso, a identidade é estabelecida pelo senso de “não se identificar”. Assim, a recusa por conviver é multivariada, pois implica a atenção a determinada qualidade sentida no outro e pelas variabilidades de expressões cambiantes contidas em determinados agregados sociais. Ela pode também ser restritiva por alguma qualidade que o sujeito, o grupo e a interação territorializada denotam. A restrição simplória se apresenta pela fobia e a violência segregatória.

A identidade se dá, então, por dois movimentos dialéticos: pela igualdade e pela diferença. O conflito se apresenta pela visibilidade espacial da diferença e da igualdade, tornando selecionadas localidades nas quais os sujeitos se dispõem (se sentem à vontade) de conviver. A visibilidade de contrários, estranhos e diferentes é o motivador a manutenção da reunião dos sujeitos que se identificam. Para a manutenção de certos atributos relacionais, são criadas regras que engessam a continuidade de certas características relacionais importantes a continuidade identificatória dos sujeitos em interação. As regras de interação engendram subjetividades num processo contínuo de reprodução de certas expressões e comportamento. Além disso, motivam sujeitos estabelecidos a marginalizarem outros dispostos a participarem da interação. Determinados sujeitos incapazes de engendram ações condizentes as regras estabelecidas na interação estão fadados a serem marginalizados dela ou, então, serem negados ao acesso a elementos simbólicos que a constitui.

A segregação espacial é que conforma essas territorializações, definindo atributos de convivência, a partir da igualdade e da diferença. Isso remeterá ao conceito de “geograficidades” definido por RELPH (1979, p. 19), que “encerra todas as respostas e experiências que *temos* dos ambientes no qual *vivemos*, antes de analisarmos e atribuímos conceitos a essas experiências”. O conceito de geograficidade sugere que *temos* tendências a nos sentirmos confortáveis, ligados e identificados com certas coisas, sujeitos e lugares. Isso é autêntico em nós e faz parte das qualidades de nossa subjetividade construída ao longo de nossas experiências sociais. Por outro lado,

Geografias das interações culturais no espaço urbano: o caso das territorializações das relações homoeróticas e/ou homoafetivas

nossa autenticidade só irá se concretizar no reconhecimento de certas tipologias discursivas que se constroem em nossas experiências e compreensões estabelecidas no seio das interações territorializadas. O “ser” e “estar” de determinada forma (tipo) define o estar incluído, o estar estabelecido, o estar marginalizado e o não-estar na interação social. Isso parece banal e fácil de ser digerido pelas subjetividades dos sujeitos, mas não é! As marginalizações estabelecidas por incapacidades de se inserir em grupos relacionais admirados por certos sujeitos, pode o causar grandes problemas psíquicos e o incapacitar de atividades rotineiras necessárias a sua sobrevivência em sociedade. Experiências relacionais que causaram conforto e desconforto vão produzindo as subjetividades que deverão ser trocadas em atividades relacionais “aqui” e “ali”, em tempos diferentes na vida do sujeito. Os aprendizados quanto às relações e experiências contidas no “baú” subjetivo dos sujeitos organizam representações espaciais mentais de filia e fobia (RELPH, 1979), no passado e no presente. Isso conduz suas condições para as interações sociais pela cidade. Os sujeitos e suas condições contidas apresentam-se perante outros possíveis de interação. A convergência entre “outros possíveis” geram as territorializações.

Como se produzem territorializações em virtude das relações localizadas de sujeitos orientados sexualmente para o mesmo sexo

Conforme Costa (2002), um dos elementos essenciais que definem os encontros e a territorialização de sujeitos orientados sexualmente para o mesmo sexo é a identidade produzida como uma condição social homossexual. O termo homossexual foi concebido pela médica húngara Karoly Benkert, no final do século XIX, no projeto da medicina moderna de tentar catalogar os comportamentos humanos e defini-los por identidades inteligíveis socialmente. Estas identidades fundam valores corretos e não-corretos personalizados nos seres humanos, sendo que todas as personificações incorretas passam a serem passíveis de cura, de serem disciplinadas e transformadas (correção) pela ciência moderna.

As territorializações “homossexuais” são definidas, principalmente, pela localização e apropriação espacial (de pequena parte do espaço urbano) de sujeitos em interação, motivados pelos desejos homoeróticos. Isto quer dizer que uma condição homossexual, de caráter desviante, que estigmatiza sujeitos, define uma matriz conceitual que dá caráter e realiza-se na dita

territorialização. As significações dessa matriz são negociadas perante sujeitos que estão no “aqui” e “agora” territorializados. Neste sentido, podemos ter algumas facetas que definem a territorialização, como as interações estabelecidas entre os sujeitos que negam uma identidade homossexual (uma negação do ser homossexual ou ser gay mesmo ocorrendo à relação sexual homoerótica); que afirmam uma identidade homossexual (aqui mais caracterizada como a celebração de uma identidade gay); ou que “velam” a mesma identidade (aqui implicam táticas estabelecidas coletivamente, inclusive por motivações mercadológicas, dos proprietários de estabelecimentos comerciais de diversão, por exemplo, para velar os desejos homoeróticos perante aparências estéticas que se misturam com outras nunca pensadas como relacionadas a expressões de desejos sexuais entre homens, por exemplo).

O homossexual, definido pela medicina do século XIX, é tratado pela literatura no século XIX, em Proust, Gide, Spencer (COSTA, 1992), que procura dar um toque identitário romântico a sujeitos tidos como desviantes ou socialmente estigmatizados. Daí surge valores e identificações quanto à homossexualidade, como: a) a fraqueza e a delicadeza contida em corpos masculinos (que deveriam se expressar, pelo contrário, pela força e pela robustez), gerando a ideia de homossexual efeminado (isso também se estabeleceu no imaginário médico nas descrições anatômicas de homossexuais); b) um caráter especial em aventuras colonizadoras e entre os pobres (entre selvagens e subalternos o homem civilizado e burguês deixava-se levar pelos desejos carnaís, inclusive para o mesmo sexo); c) um elemento contido no íntimo do “eu” e que deve ser vigiado, fazendo parte de uma (“triste”) divisão do ser entre perversidade e temperança; d) ações necessárias (como descarrego de virilidade) vinculadas a ambientes masculinos, como em clausuras, seminários e quartéis; e) como características de sujeitos refinados, propensos as artes e a atividades manuais e delicadas. Estas diversas características acabam fundando expressões ditas gays, provenientes de formas de expressões de sujeitos orientados para o mesmo sexo em cidades dos EUA (que apresentam concentrações gays em bairros inteiros). Esta expressões são sintetizadas principalmente a respeito das indefinições quanto aos comportamentos e estéticas de gênero, na expressão do corpo, na fala e nas interações entre sujeitos do mesmo sexo.

Neste sentido, territorializações que afirmam a identidade homossexual se vinculam a uma cultura gay que transgride não só os comportamentos e estéticas de gênero sexual, mas vinculam-se a evidência de sujeitos

Geografias das interações culturais no espaço urbano: o caso das territorializações das relações homoeróticas e/ou homoafetivas

que livremente as exacerbam em uma coletividade estabelecida e localizada. As territorializações que negam uma identidade sexual apresentam-se, muitas vezes, como localidades apropriadas (às vezes quase imperceptivelmente, como banheiros públicos e determinados pontos de parques e praças) pela busca e atividades sexuais entre sujeitos do mesmo sexo, quase sempre não havendo relações mais intensas, como conversa, por exemplo, mas somente a relação sexual rápida. As territorializações que velam a identidade homossexual quase sempre se produzem em estabelecimentos comerciais ou eventos públicos que não se definem como gays, cujas táticas interativas giram em jogos estéticos que não e vinculam evidencialmente transgêneridade e/ou androginia nos corpos, mas a afirmação de alguns atributos masculinos e femininos condizentes com o gênero sexual. Muitas vezes, estas estéticas se ligam a figuras masculinas idealizadas, como fetiches, surfista, cowboy, homem forte, másculo e peludo, etc. Outras vezes, os eventos localizados apresentam-se escondem relações homoeróticas por entre vanguardas da moda, da música e do videoclipe.

Estes três pontos matriciais sugeridos tecem a característica da territorialização de sujeitos orientados sexualmente para os mesmos sexos, muitas vezes um polo ou outro se destacando na realidade, outras vezes, ocorrendo por entre a expressão dos diferentes sujeitos que produzem a territorialização “aqui” e “agora” das interações estabelecidas. Pode ocorrer certa tradição de uma qualidade da relação matricial em determinado local. Quando isso ocorre, a territorialização se fixa condicionada a uma identidade coletiva, ou seja, daqueles que estão lá interagindo, ou daqueles que vão lá interagir para justamente vivenciar a identificação. A territorialização aqui apresenta uma identidade e todos que estão no momento interagindo acabam sendo identificados por ela. Um bar, uma boate e/ou um canto de uma rua ou de um parque torna-se identificado por todos os exteriores como local de frequência de certos sujeitos e no qual onde se estabelece determinadas relações e expressões. Aqui a identificação exterior (daqueles que não estão no espaço e tempo “lá”) é que define a territorialização e os sujeitos que estão participando dela.

Outra relação que vem contribuir para entender a realização da territorialização é a condição estética definida pela atividade relacional que a compõe e que é composta nela. A reunião estética tem expressão puramente espacial. As aparências dos sujeitos estão compostas por símbolos que apresentam significações densamente emotivas. A aparência é a visibilidade do corpo, dos atributos dele e dos acessórios que o constitui. Para além das aparências, os símbolos ali

expressos apresentam significantes decodificados por aqueles que apresentam motivações e afetividades para com eles. Os símbolos e os significantes são realizados na reunião de sujeitos, no “aqui” e “agora” dos acontecimentos, sendo ali reforçados, transformados e/ou negociados. Ocorre a forma que define o sujeito em interação, cujos propósitos somente são revelados na interação (na qual podemos chegar aos esclarecimentos sobre os significantes dos símbolos). Isso nos lembra a proposta interpretativa de Maffesoli (2002), para entender as reuniões juvenis na atualidade, permeados de atributos simbólicos trazidos da mídia, das bandas de rock, dos jogos de videogames, dos desenhos orientais, da internet, etc. Dentre as estéticas que se produzem e são produzidas pela territorialização homoeróticas, temos:

a) Quanto aos padrões estéticos de gênero: comumente as estéticas de gênero masculino e feminino são transgredidas por sujeitos orientados sexualmente para o mesmo sexo. A transgressão dessas representações estéticas faz parte do envolvimento do sujeito com o homoerotismo, tanto em suas relações sexuais, como em posturas e comportamento em grupos de amizade. Quanto maior a liberdade entre outros sujeitos conhecidos e quanto mais descontraído o encontro, maior a possibilidade de assumir condutas performáticas quanto aos gêneros sexuais. Quanto a isso podemos definir alguns tipos ideais: aqueles que transgridem as estéticas de gênero (andróginos, travestis, drag queens, sapatonas, etc.); aqueles que afirmam as estéticas de gênero e, até mesmo, exacerbam elas condicionadas ao sexo que as vestem (isso geralmente está relacionado à velação ou negação da identidade homossexual ou manipulada entre gays como fetiche); em grupos de amigos as performances quanto as formas de conduta relacionadas aos gêneros são estabelecidas de forma performática, ou seja, há o uso de atributos femininos nas condutas e falas em grupos de amigos e, por outro lado, a manutenção da imagem masculinizada quando o mesmo sujeito parte para a “paquera” (busca de parceiro sexual), estando ele no mesmo recinto ou localidade;

b) Quanto à relação com os comportamentos gays: na cultura gay brasileira existe a tradicional dicotomia relacional entre “bicha” e “bofe” (MACRAE, 1983). Esta dicotomia ocorre em situação de interação sexual entre um ativo (que penetra ou o bofe) e o passivo (que é penetrado ou a bixa). O bofe é um homem másculo e a bicha aproxima-se do andrógino, ou da drag Queen, ou do travesti. Em certas situações estas dicotomias são reforçadas, pois muitos sujeitos procuram justamente isso numa relação sexual. Isso pode apresentar-se somente nas encenações que ocorrem em

Geografias das interações culturais no espaço urbano: o caso das territorializações das relações homoeróticas e/ou homoafetivas

certos cenários de interação coletiva, ou seja, a territorialização, ou estar impregnado concretamente (no corpo) dos sujeitos em todos os momentos de sua vida cotidiana. Certas territorializações se produzem e são produzidas como cenários, cujos sujeitos incorporam o padrão da bicha ou ao do bofe (a localização da situação permite a encenação, mas a vida comum não permite). Outras territorializações estão fixadas como produtoras e produtos das relações estabelecidas por esta dicotomia (há a frequência de bichas e de bofes que realmente vivem seus cotidianos como tais). Além disso, outras territorializações se evidenciam pelo enquadramento de homens comuns cujos atributos expressivos devem se adequar aos parâmetros de masculino cultuados. Em alguns bares e boates, por exemplo, há a divulgação sobre a frequência de homens muito másculos que se aproximam de um padrão rude e bruto, como a figura do lenhados, do cowboy, do motoqueiro, entre outros fetiches dessa ordem. Os bares exclusivos para “usos” (homens másculos, peludos, fortes e corpulentos) ou as reuniões como as do “clube dos pauzudos”, são exemplos desse tipo ênfase interativa. Durante as paqueras e no ato sexual compreendemos que, na maioria das vezes, os papéis de ativo e passivo são negociados. Ocorre, na maioria das vezes, a atenção a estes papéis, embora a encenação do bofe possa ser gerada justamente para atrair outro homem que goste justamente de penetrar um “tipo bofe”. Isso se reforça principalmente em situações territorializadas cujos papéis de bicha e bofe são negadas, ocorrendo a valorização unilateral da estética bofe.

c) Quanto à possibilidade de se pagar para entrar e de se vestir adequadamente: ocorrem segregações quanto à capacidade de se pagar para entrar em certos bares e boates destinadas a um público orientado sexualmente para o mesmo sexo. As boates gays proporcionam a liberdade, mesmo que restrita, da expressão homoerótica. Os sujeitos coletivamente reproduzem, de forma debochada, valorizam atributos pejorativos nos próprios corpos e gestos, dando qualidade positiva a elementos que os estigmatizam (como, por exemplo, a valorização da figura e da expressão da “bicha louca”). Outro elemento marcante em boates gays é a forte expressão sexual dos corpos e interações entre o mesmo sexo. A liberdade restrita possibilita a fácil libertação individual e coletiva de desejos e fetiches, constituindo relações bem marcantes e exibidas para todo o público de frequentadores. Neste sentido, o principal atributo da reunião nestas boates é a possibilidade de interação sexual homoerótica. Muitos desses lugares apresentam um aspecto decadente e pouco produzido, tendo um baixo custo de investimento e possibilitando um

rebaixamento do valor da entrada. O valor da entrada baixo acaba possibilitando a participação de uma diversidade grande de sujeitos que reproduzem principalmente a intensidade expressiva sexual e, como parte dessa intensidade, a expressão marcante do deboche e transgressão gay, principalmente quanto a transgressão das estéticas e padrões de expressão dos gêneros sexuais. Por outro lado, outras boates são produzidas por grandes investimentos monetários em som, decoração, arquitetura e publicidade e atraem um público de renda mais alta. Este público geralmente é mais diversificado, constituído por várias orientações sexuais, afetivas e estéticas. Outras pessoas são atraídas pela estética bem elaborada desses lugares e acabam frequentando eles buscando diversão alternativa. Estas boates, então, não são restritamente frequentadas por sujeitos orientados para o mesmo sexo, embora se saiba que isso é realidade entre o público presente. Além disso, muitos (isso não é um padrão, mas uma evidência vista durante a pesquisa) sujeitos orientados para o mesmo sexo de segmentos mais abastados estão mais comprometidos com os padrões sociais que os mantém socialmente num certo status. Neste sentido, o peso do estigma homossexual é maior, necessitando uma constante camuflagem das suas expressões e desejos homoeróticos. Assim, as expressões marcantes vistas em boates exclusivas gays não são encontradas. O deboche da drag Queen se torna algo espetacularizado pelo show. A transgressão das expressões sexuais banais nos corpos e nas relações se torna algo do show e não da convivência entre o público em geral. Relações homoeróticas são veladas e discretas por entre uma mescla tendências estéticas constituídas na plasticidade da moda e expressas pelos sujeitos presentes. Certos atributos estéticos constituídos nos meios de vanguarda da moda e das artes plásticas e publicitárias produzem certas condições possíveis de expressão corporal dos sujeitos ao procurarem adentrar as relações constituídas nestas boates. Roupas de vanguarda e da moda são exibidas em certas boates caras, tornando inacessível a certas pessoas pobres. Em relações as boates frequentadas pelos pobres, as vestimentas e os acessórios não seguem tendências da moda e não representam as grifes famosas. Por outro lado, sempre alguns sujeitos se esforçam em poupar algum dinheiro para comprar uma roupa e pagar por uma entrada em uma boate da moda, muitas vezes com a esperança de conhecer alguém de condições financeiras bem melhores. Outras vezes, muitos sujeitos entediados da mesmice e da padronização estética de certos locais de consumo da moda, procuram justamente locais tidos como decadentes e frequentados por segmentos pobres e periféricos (geralmente em “final de noite ou de

Geografias das interações culturais no espaço urbano: o caso das territorializações das relações homoeróticas e/ou homoafetivas

festa”). Muito da motivação para isso é o desejo de paquerar e estabelecer relações sexuais com um homem (um bofe) pobre e de aspecto rude, como uma fetichização das experiências sexuais “interclasses”.

d) Quanto à faixa etária: as diferenças de idade ao mesmo tempo repulsam e atraem os sujeitos e os investimentos sexuais quanto ao homoerotismo. De fato, as construções territoriais possibilitam um livre trânsito de sujeitos de diferentes idades, no entanto, o processo de apropriação espacial, por mais tênue que seja, tende a selecionar certos atributos estéticos, discursivos e simbólicos que geram microsegregações entre os sujeitos. Em certas áreas da cidade, como em parques, que possuem áreas mais amplas, o trânsito da diversidade se estabelece entre uma variabilidade de expressões e tipos de sujeitos orientados para o mesmo sexo e uma variabilidade de outros investimentos e identificações culturais urbanas. Estes espaços são caracterizados como espaços de tolerância. Esta tolerância pode ser positiva (FORTUNA e SILVA, 2002), pelas trocas interativas de expressões simbólicas dos sujeitos em relação, mas também pode ser negativa, pela tendência a homogeneidade de certas expressões, certos significados do corpo e certas tendências simbólicas compartilhadas. Em relação à faixa etária, algumas territorializações de produção comercial, como bares e boates, estão conectadas ao mundo das mídias, da propaganda e de uma cultura de massa que valoriza os atributos juvenis, mesmo eles sendo diversos. Isso torna não atrativo expressões e corpos mais velhos. Por outro lado, ocorrem certas territorializações comerciais cuja definição interacional da apropriação espacial é justamento o contato homoerótico entre sujeitos de idades muito diferentes (certos bares, boates, saunas, etc.). É evidente que em muitas dessas situações interacionais territorializadas as relações afetivas e sexuais se estabelecem em virtude da troca de favores, bens e ou quantias monetárias. No entanto, para além da simples prostituição, as relações que se tecem não definem exatamente o explorador e o explorado e envolvem afetividades diversas muito mais complexas que o simples pagamento pelo sexo. É comum entre alguns sujeitos a afirmação de um interesse sexual em relação a uma faixa etária muito diferenciada da sua. Estas relações transitam por entre as territorializações homoeróticas, mas também se tecem territorializações específicas para tal propósito.

As territorializações de sujeitos orientados sexualmente para o mesmo sexo também se apresentam num padrão de convivência espacial, elas podem ser: de convívio amigável, de busca sexual, como festas gays e/ou GLS, de experiências estéticas e

abertas ou fechadas ao convívio homoerótico.

Em primeiro plano, as territorializações apresentam-se principalmente como interseção de ações e motivações de diferentes sujeitos em um dado local, em virtude de um propósito em comum. O propósito de estar convivendo entre outros (que se tornam iguais por terem motivações iguais, mas também diferentes, por apresentarem diferenças nas negociações e jogos de interação) dá caráter identificatório a territorialização. Isto representa uma ordem territorial que, por mais tênue que seja, concentra ou que apinha (em diferentes intensidades) sujeitos e certos interesses de interações (envolvendo trocas simbólicas, expressões negociadas, fatores discursivos estimuladores). Em relação às interações homoeróticas e/ou homoafetivas, o principal atributo motivador dos sujeitos presentes é a busca de parceiro sexual. Isto ocorre porque esta busca não pode ser esclarecida em espaço público, muito embora o espaço público esteja permeado de táticas de paqueras que aproximam sujeitos em virtude do homoerotism. Além das táticas de “paqueras” em lugares comuns, a localização e a concentração apresenta-se como uma forma coletiva que permite o encontro mais seguro dos possíveis erros (um engano quando ao interesse do sujeito abordado) de abordagem em espaço público, que ocasiona muito atos de violência homofóbica, ou o chamado “baile” na gíria gay brasileira.

A territorialização de busca sexual homoerótica é a localização da frequência de sujeitos de um sexo que procuram um parceiro sexual do mesmo sexo. Muitas delas servem somente para isso e podem ser espaços privatizados (como saunas, casas de prostituição, videolocadora de vídeos pornôs, etc.), assim como públicos, pela apropriação (frequência constante) de sujeitos em busca de parceiro sexual (como banheiros públicos, faixas de praias, parques e praças, terrenos baldios e shoppings, tanto em períodos noturnos como diurnos, muito embora à noite, ou dias de chuva, possam camuflar melhor estas relações). Além da busca sexual, as interações amigáveis produzem a visualização de grandes grupos de amigos que se territorializam quase que todos os dias em um determinado horário em algum lugar do espaço público ou semipúblico (como em shoppings, por exemplo). Em muitos bares (mais em bares e menos em boates, no qual o ambiente escuro e a dança frenética estimula a busca sexual), a clientela assídua apresenta-se como uma “grande família gay” (POLLAK, 1983), no qual quase todos se conhecem intimamente. Nesses bares, o “estranho” é conhecido como “carne nova”, ou seja, aquele que adentrou a interação territorial há pouco tempo e que precisa ser reconhecido, paquerado e testado para inserir-se no

Geografias das interações culturais no espaço urbano: o caso das territorializações das relações homoeróticas e/ou homoafetivas

grupo maior.

As territorializações podem também serem mais abertas ou mais fechadas ao convívio não-homoerótico. Digo “mais”, pois todas apresentam fronteiras permeáveis ao convívio de sujeitos com outros interesses relacionais, mas somente a evidência do interesse relacional, que aqui se apresenta pela interação homoerótica, pode desmotivar a participação territorial. Porém algumas são mais fechadas por centram-se na especificidade estética, numa identidade coletiva e num conjunto de símbolos e expressões fixas que se definem como gay. As festas gays tendem a serem mais frequentadas por gays. Isso era muito evidente até os anos 90, em muitas cidades brasileiras, onde boates gays só conviviam gays, no máximo algumas amigas de gays participavam das festas como convidadas. Os esclarecidos heterossexuais somente conviviam quando encenavam e agiam no papel de bofe, prontos “para comer as bichas” (na linguagem coloquial). Os heterossexuais eram bem vindos quando se percebia uma afirmação de um papel e não a negação ou repúdio da relação sexual homoerótica. A ocorrência do repúdio tendia a ser rechaçada.

Esse fechamento gay (gueto) ocorre comumente hoje, embora as necessidades de experimentação relacional e estética presente na vida boêmia atual tendem a concentrarem um maior número de sujeitos diferenciados em territorializações com propostas festivas e relacionais diferenciadas. Ainda algumas festas se especificam pela territorialização de uma proposta gay (somente ditos homossexuais assumidos; com populares músicas dançantes; shows de transformismos; negociação, representações e expressões mutantes das estéticas de gênero; visualização de grandes grupos de amigos ou “grande família gay”; busca sexual e paquera intensa; ocorrência de *dark rooms* para a “pegação” ou atos sexuais rápidos entre homens, etc.). Porém outras tentam esconder esta especificidade, tanto pelo propósito publicitário da festa, como pela predisposição de seus participantes no “aqui” e “agora” do acontecimento, assim como pela aproximação a uma cultura explícita gay e, até mesmo, quanto às relações homoeróticas imersas nela. Estas festas apresentam-se mais abertas ao convívio de expressão de sexualidades múltiplas e abrigam um hibridismo quanto aos propósitos eróticos e estéticos, como: a) experimentação sexual variada como bissexual, swing, fetiches diversos, etc.; b) hibridização a outras estéticas que não necessariamente mobilizam e transgridem as estéticas de gênero sexual, como as de roqueiros, *emos*, *hippies*, surfistas, executivos *yuppies*, etc. Enfim, estas territorializações homoeróticas podem se configurar como mais abertas ou mais fechadas ao exterior, sendo

este exterior tudo aquilo que poderia divergir dos propósitos de interação homoafetivas. Porém, atualmente, estas características são muito difíceis de serem definidas, uma vez que a mobilização, transgressão e mistura entre estéticas diferenciadas e interesses sexuais diferenciados são muito complexos.

As territorializações podem também expressar um padrão territorial, ou seja: a) apresentam-se como grandes áreas na cidade nas quais derivam (PERLONGHER, 1987) sujeitos em busca de afetividade; assim como localizações (bares, boates, esquinas, pontos de praças e parques, praças de alimentação de shoppings, etc.); b) definem trajetos ou linhas de circulação “conhecidas” cotidianamente, que geralmente ligam localizações; c) produzem circuitos, ou seja, a movimentação rotineira que sujeitos fazem ligando lugares, em que entram e que saem, em constante fluxo, tornando a deriva previsível, assim como mais previsíveis os contatos homoeróticos.

Esquemmatizando e concluindo

Neste ensaio, evidenciamos que o conceito de território nos permite entender as apropriações e convivências espaciais diferenciadas no urbano. Porém este território deve ser entendido como uma construção (um processo e não como dado pronto) material (corpos agregados e/ou apinhados em interação simbólica e discursiva, sendo motivados estético e afetivamente para isso) e subjetiva (o caráter da agregação de corpos se estabelece pela negociação – tanto partilhadas como postas em conflito – na objetividade da relação, mas que se realiza na conexão de elementos que afloram da subjetividade de cada sujeito presente), no qual sujeitos se colocam dispostos a tais “Realizações” (ato de falar de algo; de expressar o corpo de tal forma; de vestir-se de tal forma; de aceitar determinadas atitudes e comportamentos dos outros; de querer experimentar e desejar determinada coisa ou fato; de admirar certo evento, grupos ou sujeitos; de sentir isso ou aquilo, etc.) com outros, como motivações de colocar em negociação algo que ele mesmo contém e pode expressar no momento “aqui” e “agora”.

A territorialização se apresenta então como uma matriz que liga um conjunto de subjetividades postas em evidencia de forma parcial (escolha minuciosa do sujeito quanto aos atributos de si postos em interação, como um diálogo interno entre “si” e seu “eu”) colocadas em objetividade e interação com outras objetividades (expressão cautelosa das subjetividades de outros sujeitos) selecionadas e admiradas por ele. A escolha minuciosa não se estabelece por uma simples motivação que liga objetividade dos fatos acontecendo

Geografias das interações culturais no espaço urbano: o caso das territorializações das relações homoeróticas e/ou homoafetivas

e uma avaliação subjetiva dos sujeitos, mas também é mobilizada por matrizes de representações que o próprio sujeito apreende, constrói e desconstrói em seu “eu”. O fato objetivo que representa a territorialização é também produto e produtor de condições sociais estabelecidas, mesmo sendo elas negadas, aceitas ou parcialmente negadas e aceitas no momento da interação. A identidade da territorialização se estabelece pela realização coletiva das motivações subjetivas (entendimento subjetivo do que se pode colocar em evidência na relação objetiva) dos diferentes sujeitos, mas também se apresenta atração quanto a uma mediatrix que converge a determinada “representação social” sobre algo, como elementos simbólicos (materiais e discursivos) que agregam estes diferentes sujeitos (para aceitá-la ou negá-la ou dialetizá-la), tornando, assim, a representação realizada no espaço social.

As interpretações e motivações subjetivas quanto ao homoerotismo são diversas, assim como as representações sociais sobre a qualidade dos sujeitos e dessas interações são insuficientes para abarcar toda a diversidade de interpretações individuais existentes. Dessa forma, a qualidade objetiva das interações (que representam a objetivação das motivações de negociação, quanto ao interesse homoerótico, entre diferentes sujeitos) pode ser muito diversa, instável e mutante. O fato fundamental do processo é a localização das subjetividades em negociação, definindo aqueles que estão dispostos a negociar, perante a si e perante aos outros, os elementos que serão colocados em objetividade. A disposição para a negociação de um conjunto de elementos simbólicos coloca em interação intensa um agregado de sujeitos. Este conjunto apropria-se do espaço definindo a localidade da interação. Por outro lado, a localidade pode condicionar a interação no tempo, através da assiduidade de determinados sujeitos que se motivam e se permitem experienciar continuamente a situação de negociação (reprodução rotineira).

No caso das interações homoeróticas, as territorializações que são produzidas por elas e, ao mesmo tempo, as condicionam e uma existência mais contínua, podem ser estudadas levando-se em conta:

1) como o sujeito negocia uma identidade homossexual (camuflando, divulgando, velando ou negando), ou seja, como o fator da representação social desviante e estigmatizante sobre o homoerotismo é negociado pelos e entre os sujeitos envolvidos na territorialização;

2) a negociação quanto aos comportamentos e expressões possíveis na interação, ou seja, o fator estético mobilizado pelos sujeitos e agregados sociais;

3) o padrão de convivência espacial, ou seja, o fator que dá cimento a interação ou o que o sujeito procura efetivamente naquela localidade;

4) o padrão de convivência espacial também implica observar o caráter mais aberto ou mais fechado, quanto as interferências e perturbações externas das representações que outros sujeitos fazem em relação ao homoerotismo ou a sexualidade em geral. O padrão fechado aponta para a proteção e a libertação expressiva condicionada a territorialização. O padrão aberto implica permitir outros sujeitos e estéticas interagirem para descaracterizar um padrão rígido gay;

5) o padrão territorial, ou seja, como as territorializações homoeróticas se organizam na cidade? Elas constituem áreas, como os bairros gays norte-americanos? Estas áreas são realmente identificadas como gays ou somente ocorre uma circulação mais intensa por certos conjuntos de ruas? Quais são os trajetos possíveis que os sujeitos fazem a fim de se relacionar com outro do mesmo sexo? Estes trajetos fixam circuitos, ou seja, tornam rotineiras determinados descolamentos para certos sujeitos?

Pensamos que devemos prestar atenção a estes cinco itens para estudar as interações sociais caracterizadas pelo encontro afetivo e sexual de homens com outros homens na Geografia.

¹ Santos (1997), Haesbaert (1995) e Dias (1995).

² Costa (2002), explica que a categoria “homossexual” é uma representação estabelecida pela ciência médica do século XIX, que define um desvio biológico. Este desvio foi representado socialmente no século XX pela psicanálise e pela literatura, cujas obras baseavam-se nas significações individuais e coletivas de sujeitos sobre suas vidas em torno do desejo e práticas homoeróticas. As representações sobre a homossexualidade culminaram numa forma de cultura chamada “gay” na metade do século XX, celebrada principalmente em “guetos” gays norte-americanos. Os elementos essenciais desta cultura é a discussão sobre as tramas, os dramas e as subversões relacionadas as práticas sexuais homoeróticas; as representações sobre os sujeitos condicionados nestas tramas; os códigos, signos e significados negociados nos guetos gays (bares e boates, assim como a vida nas ruas, principalmente em parques e praças de frequência destes sujeitos); a reinvenção e valorização coletiva de elementos simbólicos que definem o desvio e a discriminação homossexual.

Geografias das interações culturais no espaço urbano: o caso das territorializações das relações homoeróticas e/ou homoafetivas

Referências

- CAMPOS, H. A. **Permanência e mudanças no quadro de requalificação de cidades brasileiras: o caso das territorialidades do sexo na área central do Recife**. Revista Território, Rio de Janeiro, n. 9, jul./dez, 2000.
- COSTA, B. P. **A condição homossexual e a emergência de territorializações**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, UFRGS, Porto Alegre, 2002.
- COSTA, J. F. **A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992.
- DIAS, L. C. Redes: emergência e organização. In: CASTRO, I. E., GOMES, P. C. C., CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. São Paulo: Bertrand Brasil, 1995.
- FEATHERSTONE, M. **O desamanche da cultura: globalização, pós-modernismo e identidade**. São Paulo: SESC/Studio Nobel, 1995.
- FERREIRA, L. F. Acepções recentes do conceito de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo. Revista Território, **Rio de Janeiro**, v. 5, n. 9, jul-dez. 2000.
- FORTUNA, C. As cidades e as identidades: narrativas, patrimônios e memórias. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 12, n. 33, fev. 1997.
- FORTUNA, C.; SILVA, A. S. A cidade do lado da cultura: espacialidades sociais e modalidades de intermediação cultural. In: SANTOS, B. de S. (Org.). **A globalização e as ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 2002.
- GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- HAESBAERT, R. Desterritorialização: entre redes e os aglomerados de exclusão. In: CASTRO, I.E.; GOMES, P. C. C., CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. São Paulo: Bertrand Brasil: 1995.
- _____. **Des-territorialização e identidade: a rede gaúcha no nordeste**. Niterói: EDUF, 1997.
- _____. Identidades territoriais. In: ROSENDHAL, Z.; CORREA, R. L. **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: UERJ, 1999.
- MACDOWELL, L. A transformação da geografia cultural. In: GREGORY, D.; MARTIN, R. E.; SMITH, G. **Geografia humana: sociedade, espaço e ciências sociais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- MACRAE, E. Em defesa do gueto. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 53-60, abr. 1983.
- MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- MELLO, J. B. F. Descortinando e (re)pensando categorias espaciais com base na obra de Yi-Fu Tuan. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. **Matrizes da geografia cultural**. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.
- MESQUITA, Z. Do território à consciência territorial. In: MESQUITA, Z.; BRANDÃO, C. R. **Territórios do cotidiano**. Porto Alegre: UFRGS/EDUNISC, 1995.
- PERLONGHER, N. **O negócio do michê: a prostituição viril**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- POLLAK, M. **A homossexualidade masculina ou: a felicidade no gueto?**. In: FOCAULT, M. **Sexualidades ocidentais**. Lisboa: Contexto, 1983.
- REFFATTI, L. R. **Geografia: educação e apropriação psicossocial dos lugares**. Dissertação (Mestrado). PPGGeografia, UFRGS, Porto Alegre, 2001.
- RELPH, E. C. As bases fenomenológicas da geografia. **Revista de Geografia**, v. 4, n. 7, Rio Claro, abr. 1979.
- SALGUEIRO, T. B. Cidade pós-moderna: espaço fragmentado. **Revista Território**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 4, jan-jul. 1998.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo; razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1997.
- SENNETT, R. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Geografias das interações culturais no espaço urbano: o caso das territorializações das relações homoeróticas e/ou homoafetivas

SOUZA, M. J. L. de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

WIRTH, L. Urbanismo como modo de vida. In: FORTUNA, C. (Org.). **Cidade, cultura e globalização**. Oeiras: Celta Editora, 1992.

**Recebido em 2 de agosto de 2010.
Aceito em 23 de outubro de 2010.**